

DISCURSO
DO EX.^{mo} SR. REITOR DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA,
PROF. HENRIQUE DE VILHENA

SENHOR PRESIDENTE DO MINISTÉRIO;
MINHAS SENHORAS;
MEUS SENHORES:

A Associação Portuguesa para a Progresso das Sciências, de acôrdo com a sua congénere espanhola, realiza neste ano em Coimbra o seu 3.^o Congresso Luso-Espanhol, sendo esta sessão em que felizmente nos encontramos a sessão inaugural. Solicitou a Associação Portuguesa o concurso da Universidade de Coimbra, que desde logo lho prestou calorosamente, e é assim que o Congresso se realiza sob os auspícios da Universidade. É no seio dela que se desenvolverão os trabalhos do Congresso e foi sobretudo pela iniciativa e esforço do seu pessoal docente, particularizando o Sr. Presidente do *Comité* Executivo do Congresso, que se organizou êste certame intellectual, que ficará notável na história da Universidade.

A Universidade de Coimbra, assim como as velhas universidades da Península, precisa de se abster de uma contemplação excessiva de si mesma, para a qual os antigos e nobres pergaminhos poderiam incliná-la; necessita de olhar para o exterior, da sua altura, por suas janelas rasgadamente abertas, ver o que vai pelo mundo, encher-se do espírito das coisas do nosso tempo, comunicar extensamente com a vida de todos, e logo exercer uma acção que deverá ser vasta e eminentemente benemérita e progressiva.

O Congresso que hoje se inaugura pode representar na vida da Universidade um incitamento dos mais apreciáveis para acentuar francamente o desenvolvimento da sua actividade no sentido que refiro.

Sem dúvida os Srs. Congressistas de Espanha e Portugal virão trazer-nos em suas comunicações, na apresentação dos numerosos e variados problemas da história e crítica literária e social, da medicina, das sciências físicas e naturais, da matemática, da filosofia, um grande influxo de pensamento. Que êle sirva a esta gloriosa Universidade, e que êle importe profundamente, pela Universidade e por cada um de nós, ao progresso e prosperidade da nossa Pátria e ao bem geral, é o que todos devemos desejar, pondo neste desejo, nesta ambição, os votos mais fervorosos, os mais levantados.

A hora que passa é, para a Pátria Portuguesa, cheia de incertezas, de temores, de obscuridade, de confusão, até de negrumes. As universidades devem representar, nesta hora grande, o mais importante papel na instigação das actividades, na orientação das consciências, na emancipação dos espíritos. E nós todos, professores e o mais pessoal docente das Universidades, e os que estão para fora destas agremiações oficiais, devemos ter um objectivo comum, uma aspiração acima de tôdas, a de bem servir a Pátria e a Humanidade.

Esqueçamos, desprezemos, repudiemos a inveja, a calúnia, a difamação, trabalhemos muito, trabalhemos sempre, unidos todos os que se reconhecem sinceros nos seus propósitos; trabalhemos assim porque êsse trabalho é necessário que se faça dêste modo e o seu fruto consigná-lo hão com reconhecimento as gerações vindouras; trabalhemos porque, effectuado êsse trabalho, a morte nos será risonha, pois a consciência nos dirá que soubemos cumprir o nosso dever.

Hoje as universidades, em seu papel necessário de grandes orientadores, não devem esquecer, devem mesmo olhar muito especialmente as classes humildes.

A Universidade de Coimbra deve compenetrar-se dêste

objecto, ela que, tendo os seus laboratórios, gabinetes de estudo e bibliotecas nesta velha cidade provincial, como se fôsse um nobre solar, não pode sentir dia a dia, hora a hora, momento a momento, e muito perto do seio, o palpar da vida proletária, o refter, o estuar da população humilde, mar tumultuoso e profundo. O sentimento dêles deve dominar o homem do nosso tempo, o intelectual desta época deve tê-los presentes em seu espírito, como afirmação das mais categóricas, facto dos mais evidentes e impositivos, acto dos mais imperativos, emoção das mais sensibilizantes e expressivas, ideal dos mais insinuantemente humanos. Se as universidades não atenderem, de um modo incisivo e caloroso, a este problema que tão ostensivamente se põe, sem dúvida lhes estarão reservadas surpresas pelas quais duplamente se verão malferidas.

Estou falando com sinceridade, clara franqueza, a melhor política do tempo que corre. E se o prestígio da situação que se ocupa, a toga que se veste, o cargo que nos investe impõem deveres e justificam direitos, os primeiros devem ser os da lealdade, da sinceridade.

Os congressos científicos servem ainda às universidades para as auxiliar naquele fim especial. A tribuna é livre e a ela concorrem trabalhadores intelectuais de diversa origem, quer pessoal, quer nacional, e que se não devem sentir peados em comum por preconceitos de classe.

Mas, para realizar tãda a grande obra que compete às universidades, que compete a cada um de nós, é necessária sempre uma grande crença, a fé mais levantada. Isto é preciso que se diga aqui bem alto, pois, sem entrar em discriminações, em muitos rostos, nos meios intelectuais portugueses, é fácil ver a descrença, um septicismo que dissolve as melhores determinações e inspira todos os receios. E é preciso também que se diga aqui bem alto que os governos, o Estado, devem auxiliar as universidades e tãdas as boas

iniciativas intellectuais, de um modo constante, reflectido, terminante, decisivo, e não justificar, como tantas vezes têm feito entre nós, aquella descrença lamentável, aquelle scepticismo que poderá ser mortal.

As universidades então deverão corresponder nobremente a êsse auxilio, encher-se de um grande ardor de progredimento, e contribuir num esforço colectivo e gigantesco para o bem e glória da Pátria. E em vez de serem principalmente depósitos de livros, de material didáctico, de objectos raros e de tradições, e escritórios de funcionários, devem ser sobretudo oficinas, laboratórios, gabinetes de invenção scientifica, de criação intellectual, de alta formação dos espiritos.

SENHOR PRESIDENTE DO MINISTÉRIO:

Concorrem a êste certame intellectual que hoje se inaugura sob a presidência de V. Ex.^a, que está aqui investido da elevada representação do Chefe do Estado, numerosos trabalhadores intellectuais espanhóis e portuguezes. Estão aqui, também, além do Sr. Ministro da Instrução do nosso país, os dignos representantes dos governos da Espanha, do Brasil, da Bélgica, da Venezuela, da Alemanha e da França; e os representantes da Associação Espanhola para o Progresso das Sciências, da Academia das Sciências do Instituto de França, da Associação Francesa para o Progresso das Sciências, da Academia Real da Bélgica e da Associação italiana para o Progresso das Sciências.

Em nome da Universidade de Coimbra apresento a V. Ex.^a, como representante do Chefe do Estado e como chefe do Govêrno, saudações respeitosas, e agradeço estremamente a sua presença. Também saúdo, em nome da Universidade, o Sr. Ministro da Instrução, agradecendo a sua honrosa presença. Cumprimento com uma elevada estima o Sr. Ministro de Espanha, o Sr. Embaixador do Brasil, os Srs. represen-

tantes do governo da Bélgica e da Academia Real da Bélgica, e os Srs. Ministros da Noruega, Alemanha, França e Venezuela, solicitando-lhes que transmitam aos governos respectivos, estas saudações calorosas.

Aos Srs. professores e académicos que trazem a representação da Associação Espanhola para o Progresso das Sciências, do Instituto de França e das Associações Francesa e Italiana para o Progresso das Sciências, saúdo também calorosamente.

Cumpre-me anunciar e lamentar a ausência, por doença, do Sr. Embaixador da Inglaterra, a quem cumprimento com toda a estima.

Agradeço a presença do Sr. Bispo-Conde e do Sr. Governador Civil e dos Srs. representantes do Ministério do Fomento de Espanha, das Universidades de Salamanca, Madrid e Valhadolid, e de tantas instituições oficiais, sociedades científicas, associações, companhias e publicações portuguesas, como os Ministérios do Trabalho, da Marinha, do Comércio, as Universidades de Lisboa e Pôrto, o Instituto Superior de Comércio, a Escola Comercial Superior, o Instituto Superior de Agronomia, o Colégio Militar, o Instituto Superior Técnico, a Academia das Sciências de Lisboa, a Sociedade de Geografia, a Sociedade das Sciências Médicas de Lisboa, o Instituto de Viseu, O Instituto Histórico do Minho, a Sociedade Nacional de Belas Artes, a Associação dos Advogados, a Associação dos Engenheiros Civis, a União Internacional de Geodesia, a Companhia Portuguesa dos Caminhos de Ferro e a Direcção da revista *A Medicina Contemporânea*.

Saúdo finalmente os restantes congressistas, espanhóis e portugueses, congratulando-me, em nome da Universidade, por sua presença, pela qual me confesso, ainda em nome da Universidade, penhorado e desvanecido. E nesta última saudação quero pôr bem em realce que ela se dirige aos

meus colegas desta Universidade e pessoal auxiliar docente, e aos estudantes que são hoje meus pupilos e que estimo como se tivessem sido meus discípulos.

Tenho dito.

DISCURSO DO REPRESENTANTE DA JUNTA GERAL
DO DISTRITO DE COIMBRA, DR. A. DA ROCHA BRITO

EX.^{MO} SR. PRESIDENTE DO MINISTÉRIO;
MINHAS SENHORAS;
MEUS SENHORES:

Há um ano, desta mesma gloriosa tribuna, tive a honra de, em nome da nossa Universidade, dar as boas vindas aos estudantes de Valhadolid, que vinham retribuir a visita feita a terras de Espanha pelo Orfeão dos estudantes de Coimbra, acompanhado por alguns professores desta Universidade.

Fui então escolhido pelo Ex.^{mo} Reitor para o honroso encargo, por ter sido um dêsses professores. O acolhimento gentil, a hospitalidade fidalga, a alegria exuberante com que por tôda a parte nos distinguira a grande Nação irmã, desde logo impondo-nos uma comovida gratidão, levaram-me a procurar uma expressão simples, mas incisiva, que pudesse traduzir os gratos sentimentos que nos iam na alma. E encontrei-a na velha sabedoria popular, síntese da experiência ancestral, naquele formoso aforismo: quem meu filho beija, minha bôca adoça.

A Universidade de Coimbra sentia-se orgulhosa pelos carinhos tributados a seus filhos e por isso, nós beijando os estudantes de Valhadolid, beijavamos a mocidade espanhola, o mesmo era que beijássemos a Espanha em pleno coração.

Pois quis a minha boa estrêla que mais uma vez, mas agora em nome do Distrito de Coimbra, como presidente da Comissão Executiva da sua Junta Geral, eu saüdasse os